

O mito da pureza lingüística confrontado pelo conceito de *code-switching*

Isabella Mozzillo

Faculdade de Letras - Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

isabellamozzillo@gmail.com

Resumo. Partimos do pressuposto de que as conversações que ocorrem entre falantes não monolíngües, e que sabem que partilham o mesmo par de línguas, sempre apresentam características próprias, quais sejam, a presença, em maior ou em menor grau, de traços das duas línguas em contato.

Interessa-nos discutir situações de contato lingüístico sob diversas perspectivas para esclarecer que a alternância lingüística ou *code-switching* não apenas é inevitável, como é útil do ponto de vista pragmático de negociação de significados. Os fenômenos advindos do contato de línguas são naturais e inerentes à condição de usuários de mais de um idioma e constituem estratégias de adaptação comunicativa altamente desejável e benéfica, organizando-se como um comportamento de ativação-desativação de uma ou outra língua segundo elementos particulares a cada situação interativa.

Numa sociedade que preza a pureza e a separação das línguas e que despreza as mesclas, as misturas e os hibridismos lingüísticos, é importante ressaltar os fenômenos inerentes às conversações bilíngües para contribuir na diminuição do preconceito.

Palavras-chave: *code-switching*; pureza lingüística; línguas em contato

Resumen. Creemos que las conversaciones entre hablantes no monolingües, que sepan que comparten el mismo par de lenguas, presentan siempre características propias: la presencia, en mayor o menor grado, de rasgos de ambas lenguas en contacto.

Nos interesa discutir situaciones de contacto lingüístico en distintas perspectivas para entender que la alternancia o *code-switching* no solo es inevitable, como es útil pragmáticamente para negociar significados. Los fenómenos originados del contacto de lenguas son naturales e inherentes a la condición de usuarios de más de una lengua y constituyen estrategias de adaptación comunicativa deseables y benéficas, organizándose como un comportamiento de activación-desactivación de una u otra lengua según elementos particulares a cada situación comunicativa.

En una sociedad que precia la pureza y la separación de lenguas y que desprecia las mezclas y los hibridismos lingüísticos, es importante subrayar los fenómenos inherentes a las conversaciones bilíngües para disminuir los prejuicios.

Palabras-clave: *code-switching*; pureza lingüística; lenguas en contacto

1. Introdução

Desde o castigo divino imposto aos homens no episódio bíblico da Torre de Babel, quando as pessoas, por desobedecerem a Deus, tiveram que deixar de falar uma única língua, nosso imaginário ocidental considera que o ideal é haver em cada sociedade apenas um idioma, que o normal e o esperado é o monolingüismo.

O domínio de mais de uma língua só é tolerado se acontece respeitando a norma monolíngüe em cada uma delas. Todo contato, mistura, hibridação, influência de uma sobre a outra é considerado nocivo à pureza de cada um dos sistemas em questão.

A concepção errônea de que em cada país se fala apenas uma língua, e de que cada pessoa tem apenas um idioma que domina bem, contribui nocivamente para a idéia da existência de línguas puras, sistemas lingüísticos sem mácula, que não devem nem podem misturar-se com elementos de outros sistemas, para não correrem o perigo de se tornarem “língua nenhuma”, como pejorativamente se trata as línguas que mantêm contato. Exemplo disso é o sentimento de que o portunhol não é nada, apenas uma mistura sem lógica do português e do espanhol por parte de falantes que não sabem falar bem nenhum dos idiomas.

Sabe-se que no Brasil são faladas 200 línguas, o que o constitui num espaço plurilíngüe, situação igual à da maioria dos países do mundo. No entanto, conforme Oliveira (2000), o fato de que as pessoas aceitem sem discussão, como se fosse algo natural, a idéia de que o português é a única língua do Brasil é fundamental para a repressão às outras línguas faladas no país, minoritárias.

Os governos nacionais quase sempre apresentaram políticas lingüísticas contrárias à utilização de mais de uma língua pela população. Embora na atualidade essa atitude seja menos evidente, ainda persiste a idéia de que falar outra língua é um problema grave e que prejudica a integridade da língua nacional.

Tais preconceitos derivam do fato de se crer que existe algo com a pureza lingüística, isenta de contaminação estrangeira (GARCEZ e ZILLES, 2000)

Considerando que, conforme Grosjean (1982) a maioria das pessoas domina em algum grau, mais de uma língua, podemos concluir que grande parte da população mundial é bilíngüe em graus diversos.

Tendo contato com mais de uma língua, em nível individual ou social, o falante está automaticamente fadado a conectá-las em algum momento e, ao se deparar com alguém que compartilha as suas línguas, o fará de forma inevitável. Isso ocorre porque todo falante bilíngüe apresenta um comportamento lingüístico próprio no momento em que interage com um interlocutor que ele reconhece como detentor do seu mesmo par de línguas: o *code-switching*. A capacidade de lançar mão de elementos de uma e outra língua durante a conversação bilíngüe constitui recurso comunicativo da maior importância.

Trata-se de um fenômeno natural e inerente à condição de usuário de mais de um idioma. Tal estratégia de adaptação comunicativa é benéfica do ponto de vista

pragmático, constituindo um comportamento de ativação-desativação de uma ou de outra língua conforme os elementos particulares a cada situação interativa.

Durante muito tempo a alternância de línguas na mesma conversação foi considerada um déficit por parte do falante, que, na realidade, seria incapaz de dominá-las em separado e as misturaria a fim de se comunicar. A maioria dos monolíngües costuma, ainda hoje, julgar o *code-switching* como um insulto à pureza gramatical de sua língua.

É comum também que bilíngües apresentem preconceitos do mesmo tipo e que afirmem categoricamente não fazê-lo ou fazê-lo apenas por preguiça de pensar. Entretanto, o *code-switching* não constitui uma mistura agramatical de duas línguas não totalmente dominadas, mas uma estratégia comunicativa que é sinal de habilidade lingüística e que é utilizada por bilíngües com o objetivo de transmitir informação lingüística e social. Não se trata, desse modo, de uma estratégia alternativa empregada por falantes que não estão capacitados para continuar a conversa no idioma com o qual esta começou. Trata-se, isso sim, de uma habilidade para negociar mudanças no que se refere a distanciamentos e aproximações sociais entre o locutor e os interlocutores bilíngües.

2. *Code-switching* ou alternância de código na conversação bilíngüe

Em se tratando de conversação ocorrida entre sujeitos bilíngües, vários fatores podem contribuir para a escolha de uma das línguas em detrimento da outra também partilhada pelo interlocutor no momento da comunicação. A combinação de elementos tais como participantes, situação, conteúdo do discurso e função da interação é o que determina a língua de base nas comunicações entre bilíngües.

Os fatores elencados abaixo são os que determinam a escolha de códigos:

- A *proficiência lingüística*, tanto do falante como de seu interlocutor, já que as limitações lingüísticas podem vir a impedir, de alguma maneira, a efetiva comunicação;
- A *preferência* por uma ou outra língua, assim como a *história da interação* lingüística entre os dois participantes, sendo que, geralmente, há um acordo sobre qual será a língua principal de comunicação e violações a essa regra produzem sentimentos de desconforto;
- A *idade* tanto do locutor quanto do interlocutor, elemento que desempenha importante papel no momento de decidir qual língua empregar em determinada situação;
- O *status sócio-econômico* - real ou aparente - do interlocutor, especialmente nos casos em que os idiomas passíveis de serem escolhidos estejam relacionados hierarquicamente;
- O *grau de intimidade* existente entre os participantes da conversação, pois com pessoas próximas poderá ser usada uma língua e com estranhos ou meros conhecidos, outra;
- A *pressão externa* exerce grande poder. Havendo necessidade de transmitir uma dada língua às crianças, por exemplo, os pais podem se sentir forçados a lhes falar apenas nessa língua.

- Do mesmo modo, conforme a *atitude* em relação a uma língua e ao grupo que a utiliza, o falante quererá empregá-la ou não.
- Uma variável importante no que se refere a prever qual a língua a ser empregada com um interlocutor também bilíngüe é a *localização da interação*, o ambiente. As mesmas pessoas podem passar a falar a outra língua no momento em que saem do campo e chegam à cidade, durante a mesma viagem, por exemplo.
- A *formalidade da situação* contribui também para a determinação do idioma empregado. Se, no momento da interação, o interlocutor está desempenhando alguma função considerada importante, a língua escolhida será, provavelmente, a que detém maior prestígio social.
- A *presença de um monolíngüe* é determinante a partir do desejo ou da necessidade de incluir na conversa a pessoa que não compreende um dos idiomas dos bilíngües.
- O *conteúdo do discurso* é relevante, pois existem assuntos que são mais bem tratados em uma língua do que na outra, tanto porque o sujeito aprendeu a falar sobre os mesmos em uma língua definida, como porque não seria considerado apropriado tratá-los na outra (FISHMAN, 1965 apud GROSJEAN, 1982).

A função ou objetivo da interação pode ser o de demonstrar *maior status*, o de criar *distância social*, o de *excluir um monolíngüe* ou o de *fazer pedidos e dar ordens*. Em qualquer das circunstâncias acima o falante saberá qual das duas línguas compartilhadas com o interlocutor bilíngüe deverá escolher.

O indivíduo bilíngüe raramente hesita no momento de decidir qual de suas línguas deve empregar devido ao fato de que a escolha lingüística, tal como o próprio ato da fala, é um comportamento muito bem dominado e complexo. Grosjean (1982) afirma que a complexidade de tal fenômeno apenas vem à tona no instante em que alguma regra é quebrada, já que o sujeito normalmente não tem consciência de todos os fatores psicológicos e sociolingüísticos que interagem para que sua comunicação com outros bilíngües seja levada a bom termo.

A maioria dos falantes bilíngües costuma usar as duas línguas na mesma conversa, alternado-as dentro do mesmo turno e até da mesma frase. Tal fenômeno não é casual ou fortuito, o que significa que o falante passa de um idioma para o outro obedecendo a regras estritas e segundo restrições contextuais rígidas. (MYERS-SCOTTON, 1993)

Segundo Grosjean (1982) os motivos mais comuns para a alternância de códigos são os seguintes: suprir uma necessidade de vocabulário ou de marcador discursivo; continuar a conversa na última língua empregada; citar alguém; especificar o interlocutor; qualificar a mensagem, tornando-a mais ampla ou dando-lhe ênfase; personalizar a mensagem, especificando o envolvimento do falante; marcar a identidade com o grupo, demonstrando solidariedade; transmitir intimidade, fúria, aborrecimento; excluir alguém da conversa; modificar o papel do falante, aumentando seu status ou outorgando-lhe maior autoridade.

Mozzillo de Moura (1997) analisa as motivações gerais para a ocorrência do *code-switching* e as classifica em vários tipos: lingüísticas, sociolingüísticas, estilísticas, cognitivas, emocionais, ambientais, de disponibilidade na memória, de solidariedade com o interlocutor, de demonstração de poder, de lealdade a uma cultura, de manutenção de código, de mudança de tópico, de realização de digressões, de comicidade e de preferência pessoal por um dos idiomas.

Conforme Myers-Scotton (1993), tanto o locutor quanto o interlocutor pressentem, em razão de suas competências comunicativas, que a escolha de uma variante lingüística em detrimento de outra expressa significado social.

As opções por um ou outro código são explicáveis, assim, pelo princípio da negociação de identidades. Tais escolhas têm o poder de permitir a negociação de uma identidade particular do falante em relação aos demais envolvidos no intercâmbio lingüístico. Isso implica dizer que em toda comunidade os tipos de interação são mais ou menos convencionados e que os indivíduos possuem alguma espécie de “esquema” que lhes indica os meios através dos quais essas interações devem ser conduzidas de uma maneira não marcada.

Cada bilíngüe atribui funções a cada código e, de acordo com diferentes parâmetros, pratica com o parceiro uma negociação contínua que permite o emprego do *code-switching* para suprir a necessidade de contínua acomodação ao encontro intercultural.

O uso alternado de duas línguas na mesma conversa pode começar na primeira infância, embora não corresponda exatamente à prática de jovens ou adultos. Segundo Lanza (1992) crianças de dois anos de idade já são capazes de alternar códigos, ainda que sem a mesma sofisticação pragmática dos mais velhos.

À medida que a criança amadurece e forma sua identidade de bilíngüe, desenvolve suas estratégias comunicativas nas duas línguas de maneira a atingir o nível de domínio dos adultos. Desta maneira, considerar o contexto no momento da escolha dos idiomas é próprio dos indivíduos bilíngües desde a infância.

2.1. Tipos de *code-switching*

No fenômeno em análise existem mais de uma língua presentes no momento da conversação, sendo que partes de uma - desde morfemas até sentenças - alternam com partes da outra.

O *code-switching* pode ser classificado em intra-sentencial, intersentencial e entre enunciados conforme Dabène & Moore (1995).

O *intra-sentencial* ocorre quando, dentro de uma mesma sentença, o falante realiza a alternância entre os dois sistemas de que dispõe fazendo inserções, tanto sob a forma unitária (apenas um elemento da frase é afetado), quanto sob a forma segmental (segmentos de uma língua se alternam com partes da outra dentro da mesma frase deixando ambas inalteradas). O caso mais freqüente é o da inserção no discurso de palavra de outra língua. Tal inserção pode ocorrer com perfeita adaptação á estrutura e à pronúncia da língua na qual se desenrola a conversação, porém, contrariamente, o item

ou o segmento podem não sofrer nenhuma espécie de adaptação à língua de base sendo pronunciados exatamente como no original.

O *intersentencial* acontece no momento em que as línguas se alternam de uma sentença a outra. Tal alternância não ocorre dentro do mesmo turno da conversação, mas em turnos próximos e dentro do mesmo tópico de conversação, o que significa que uma sentença é produzida em uma língua e a seguinte, correspondente ao próximo turno do mesmo falante, na outra.

O code-switching *entre enunciados* implica alternar para a outra língua após um período bastante longo de uso da primeira. Ocorre no curso de um mesmo diálogo, quando a primeira frase pronunciada na língua de base da interação encontra-se relativamente distante da primeira frase pronunciada no sistema alternativo.

3. Considerações finais

Para Vieira e Moura (2000), é preciso estar alerta para preconceitos existentes na aprendizagem e uso de línguas estrangeiras, muitas vezes camuflados.

Embora a temática seja distinta daquela que nos propusemos tratar aqui, também se inclui nesse campo o preconceito que sofrem os estrangeirismos ou empréstimos lingüísticos que uma língua faz da outra, geralmente com hierarquia maior. Tais empréstimos ocorrem em determinados campos semânticos e apenas no referente aos itens lexicais. Temer o uso de estrangeirismos é demonstrar ignorância e, o mesmo tempo, preconceito. O medo da descaracterização da língua nacional avassala nossa sociedade, que ainda pensa que cada pessoa deve falar uma só língua e que, se falar mais de uma, deve mantê-las puras e separadas.

Tal ameaça advém da crença equivocada de que se podem controlar os caminhos da língua, que esta deixará de ser pura, de ser nossa, de ser corretamente falada. Enfim, provém da idéia de que a língua deixará de ser isolada de contaminação de outras. Esse fenômeno não existe em nenhuma língua do mundo em nenhuma época exceto na visão dos preconceituosos alarmistas.

O emprego de mais de uma língua, tanto na fala de alguns indivíduos em situação isolada de comunicação, como no caso de comunidades inteiras, deve ser considerado como natural e não visto como um insulto à pureza de cada uma das línguas.

A valorização das práticas plurilíngües passa por uma conscientização de que o emprego de mais de um sistema é natural e de que nada há de problemático no fato de se misturar, seja no nível do enunciado, seja no nível da frase, elementos de um ou outro sistema lingüístico.

4. Referências bibliográficas

DABÈNE, Louise; MOORE, Danièle. Bilingual speech of migrant people. In: MILROY, L.; MUYSKEN, P. **One speaker, two languages. Cross-disciplinary perspectives on code-switching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

GARCEZ, Pedro; ZILLES, Ana. Estrangeirismos: empréstimo ou ameaça? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. **O direito à fala. A questão do preconceito lingüístico.** Florianópolis: Editora Insular, 2000

GROSJEAN, François. **Life with Two Languages. An Introduction to Bilingualism.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.

LANZA, Elizabeth. Can bilingual two-years-olds code-switch? **Journal of Child Language**, 19, 1992.

MOZZILLO DE MOURA, Isabella. **Traição lingüística e lealdade cultural. A alternância de código no discurso bilíngüe.** Pelotas: UCPEL, 1997. 177 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Escola de Educação, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 1997.

MYERS-SCOTTON, Carol. **Social Motivations for Code-switching. Evidence from Africa.** Oxford: Clarendon Press, 1993.

OLIVEIRA, Gilvan M. de. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. **O direito à fala. A questão do preconceito lingüístico.** Florianópolis: Editora Insular, 2000.

VIEIRA, Josalba; MOURA, Heronides. Língua estrangeira: direito ou privilégio? In: LOPES DA SILVA, F.; MOURA, H. **O direito à fala. A questão do preconceito lingüístico.** Florianópolis: Editora Insular, 2000.

